

Compositores(as) Críticos(as) da música popular brasileira: história, educação e cultura / Marcos Raddi. – Marília: Lutas Anticapital, 2024

Por Luciana Requião

Resenha

Em “Compositores(as) Críticos(as) da música popular brasileira: história, educação e cultura”, o historiador, pesquisador e professor Marcos Raddi busca categorizar aqueles e aquelas que fazem das letras das canções uma forma de expressar sua concepção de mundo e retratar suas experiências de vida. São compositores e compositoras oriundos/as das classes populares que se destacam por sua obra contestar o status quo e, em muitos casos, denunciar a condição precária de vida de boa parte da população brasileira frente ao capital.

O livro busca os nexos entre Cultura, Trabalho e Educação, para analisar elementos que revelam concepções de mundo presentes na produção musical de compositores da música popular, segundo o autor, mediações que nos permitem perceber as contradições sociais, como a divisão da sociedade em classes, fundada na contradição entre trabalho e capital. Fruto de sua pesquisa de mestrado, defendida em 2021 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, e orientado pela Profa. Dra. Lia Tiriba, trata de uma categoria específica de compositores: os compositores críticos. Para isso recorre a Antonio Gramsci, Raymond Williams e E.P.Thompson, na busca pela compreensão da produção musical como resultado do trabalho e como expressão da cultura.

O materialismo histórico dialético é o que orienta a busca de Marcos Raddi pela identificação de compositores e compositoras cujas obras tratem de forma crítica as relações sociais capitalistas. “Se o operário soubesse reconhecer o valor que tem seu dia, por certo que valeria duas vezes mais o seu salário”. Citando o Samba do Operário de Alfredo Português, Cartola e Néelson Sargento, formula a categoria “compositores-críticos”, como aqueles (e aquelas) que, a partir de sua própria história, observam aquele que “não quer reconhecer. É ele escravo sem ser de qualquer usurário.” Assim, concluem os autores do samba, “abafa-se a voz do oprimido com a dor e o gemido não se pode desabafar trabalho feito por minha mão só encontrei exploração em todo o lugar”. Uma vez caracterizados os compositores-críticos, Raddi apreende as manifestações das condições de vida da classe trabalhadora da música a partir das composições do Trio Calafrio, formado pelos sambistas Barbeirinho do Jacarezinho, Luiz Grande e Marcos Diniz, todos autores de músicas que podem ser ouvidas nas vozes de nomes como Bezerra da Silva e Zeca Pagodinho, e que atuou da década de 1990 ao início dos anos 2000. Marcos Diniz, o único componente vivo do Trio Calafrio, foi importante interlocutor de Marcos Raddi, concedendo entrevistas que, junto com outros documentos, serviram de fonte para a investigação realizada.

O livro inicia com um prefácio e uma introdução, que prepara a leitura dos quatro capítulos e da conclusão que compõem a obra. São oferecidas ainda, além das referências bibliográficas, as referências discográficas e filmográficas citadas no texto, além de links para as entrevistas realizadas e os sites consultados. Ao fim um pequeno parágrafo apresentando o autor. No desenrolar do texto Raddi observa, em particular nos períodos ditatoriais – o Estado Novo (1937-1945) e a Ditadura Militar (1964-1985) –, o movimento da música popular e do compositor popular como força e potência propulsora de resistência. Analisa o ofício do/a compositor/a, a questão da autoria e o desenvolvimento da consciência de classe. Antes de se dedicar ao Trio Calafrio, discorre sobre composições de diversos períodos e gêneros da música brasileira em um tom crítico.

O capítulo dedicado ao Trio Calafrio nos mostra a história do grupo sem deixar de notar as condições de vida e de trabalho de seus membros, em contraponto com a situação da classe trabalhadora mais geral. A experiência de vida de cada um deles atesta o que muitos estudos vêm demonstrando: a precariedade da profissão musical.

Não raro, músicos – homens e mulheres – necessitam de outra fonte de renda para viabilizar seu sustento, em um cotidiano onde impera a sazonalidade, a informalidade nas relações de trabalho e as baixas remunerações. Em paralelo, a indústria da música, como é notório na grande imprensa, fatura milhões. Sintoma dessa disritmia foi a situação calamitosa enfrentada por músicos no período da pandemia, enquanto a indústria fonográfica brasileira comemorava aumento da receita no país em 24,5% no ano de 2020. A pesquisa, realizada em plena pandemia, revela ainda aspectos da fragilidade da situação enfrentada por músicos que se encontraram nesse período sem trabalho e sem qualquer tipo de amparo. Aliás, como nota o autor, o período da pandemia mostrou em especial a situação vivenciada por compositores que tiveram e ainda têm suas músicas tocadas na grande mídia e em shows ao vivo, mas que vivem com dificuldades financeiras, como foi o caso emblemático do compositor Aldir Blanc.

O campo teórico que costura toda a obra de Raddi e dá o tom crítico é o campo “Trabalho e Educação”, fundamentado na crítica da Economia política de Karl Marx. Tendo o Trabalho como categoria base para a compreensão da produção social da existência humana, o conceito é tomado como um princípio educativo. Nessa perspectiva teórica, a ação humana, ao transformar a natureza e o próprio ser humano, ao produzir saberes – crenças, arte e ciência –, produz aquilo que pode ser denominado como Cultura, tornando o eixo Cultura, Trabalho e Educação inseparável.

Com o intuito de demonstrar esse vínculo intrínseco, muitas das letras das composições dos músicos do Trio Calafrio são apresentadas e analisadas, concluindo Raddi que “o trabalho desses compositores expressa uma determinada cultura de classe, que se opõe à cultura dominante, e possui uma dimensão educativa, evidenciando-se assim o elo cultura, trabalho e educação” (p.207). Assim, a pesquisa de Raddi evidencia as formas históricas em que a arte, tornada mercadoria, tornou ainda o trabalho artístico em trabalho profissional, aquele necessário a garantir as condições mínimas de sobrevivência, sendo o trabalhador

da arte, assim como qualquer outro, destituído de seus meios de produção e submetido à lógica da produção capitalista.

O autor é preciso ao conceituar os/as compositores/as críticos/as como um grupo que no fazer-se compositor/a desenvolve uma consciência de classe, de classe trabalhadora e cumpre o objetivo de estabelecer, no contexto estudado, os nexos entre cultura, trabalho e educação. Ficou devendo, em alguma medida, um maior aprofundamento sobre as mulheres compositoras e suas composições críticas, o que foi plenamente justificado em função do silenciamento e do apagamento de diversas mulheres do ofício de letrista, e do limitado conhecimento sobre a obra dessas e de outras compositoras.

Efetuada as justificativas autorais, o livro pode ser lido por especialistas e/ou por apaixonados pela história da música brasileira, pois cumpre bem os objetivos apresentados em sua introdução.

Referências

RADDI, Marcos. *Compositores(as) Críticos(as) da música popular brasileira: história, educação e cultura*. Marília: Lutas Anticapital, 2024.

Esta resenha foi publicada originalmente na Revista Crítica Historiográfica, e pode ser encontrada em <https://www.criticahistoriografica.com.br/>.

Referência Completa:

RADDI, Marcos. *Compositores(as) Críticos(as) da música popular brasileira: história, educação e cultura*. Marília: Lutas Anticapital, 2024. 283p. Resenha de: REQUIÃO, Luciana. A voz do(a) dono(a). *Crítica Historiográfica*. Natal, v.4, n.17, maio/jun., 2024. Disponível em <<https://www.criticahistoriografica.com.br/a-voz-doa-donoa-resenha-de-luciana-requiao-sobre-o-livro-compositoras-criticosas-da-musica-popular-brasileira-historia-educacao-e-cultura-de-marcos-raddi/>>.